

POR MUITOS MOTIVOS

Livro 96

Escritos Fenícios

Roberto Curi Hallal



© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



CERTOS ASSUNTOS

Abro certos assuntos, conto as diversas vezes em que diferentes ausências me trouxeram saudades. Tenho fracassado no emprego das emoções para mudar o mundo. Uso velhos argumentos, me apoio nas virtudes de sempre, me encarrego de neutralizar os exageros mais extremos para fazer jus a uma balança cravada no meu outubro.



AMENIDADES

Usando as amenidades do esquecimento já não me alcança tanta ausência, para deixar de recordar, não crio mais memória. Farei com que se movam os corpos, balancem as cabeças, revirem os olhos, se voltem às páginas anteriores, se releiam os textos para causar riso e comparecer para servir a vida como água potável.

FALTA

Falta um pouco de magia, falta encantar a verdade para que ela fique.



MINHA ALMA

Uma colaboração íntegra afastaria o perigo de congelar o meu coração. O tamanho da discrepância confirmasse na saudade adicional, prejudicial ao bom andamento do cotidiano. Ainda que ele se esconda de viver além de si, tenho esperanças de ampliar seu horizonte. Até onde meu olhar alcança ver, prossigo nesta atitude de buscar uma valiosa espera. Não sei a quem espero.

AS PROVAS DE APEGO

Caem as provas de apego, se atiradas ao chão perdem seu curso, deserdam, fogem como ladrão subtraem às suas consequências pelo mau uso. Sancionadas as fraturas, recuperadas as memórias, lembraremos da nossa origem: o pó.



ESCASSAMENTE

Escassamente manifesto palavras vazias, sobre elas o peso do mau uso, do esvaziamento dos significados que elas carregam. Tiro a poeira, o desgaste, o banal discurso que paralisa seu sentido. Abro a porta para que a palavra inocente entre, encontre abrigo, fuja da exploração, da mentira, da irônica experiência que esvazia e paralisa. Autorizadas, apontam o que se passa. Sacudidas, as palavras pedem licença para não revelar a verdadeira razão pela qual guarnecem em segredo o pedido para manterem a inocência.

OS TEXTOS

Limito-me a contemplar. Ainda não sei para onde dirigir os louvores.

Torno a desterrar os afetos dissonantes. Acompanho, penho a prudência, corro grande risco de atrair o pior, perder o equilíbrio e desejar o impossível. Evito confessar todas as dívidas, parte delas - as que me prometi e não cumpri, jamais serão perdoadas. Dei-me a entender que o respeito seria grande, que jamais perderia o espetáculo da satisfação própria. Não li todas as cartas, algumas vezes perdi o trem, a revolução, não fui o primeiro amor, não me consta haver sido absolvido dos meus pecados originais. Vim correndo desde a idade mais remota para não perder o lugar na fila. Ao condutor perguntei o trajeto, do autor quis saber a meta. Fui autorizado a participar, a visitar, a sentir, a fazer uso da vida, passei roçando pela adolescência, pelo ofício, pelo cargo, me referi aos medos, modifiquei carinhos, segui os rastros dos que me ensinaram a brincar.

Ainda melho os textos, como andarilho pelas páginas, planto palavras que espalhem aqueles que sou e outros.

SOBREAVISO

Aqueles que amam provocam o desprazer alheio. Estou de sobreaviso, fica cada vez mais difícil transmitir o amor que sinto, faço uma mordação. Todavia, acumular o sossego me faz mal, me endurece o vínculo, arranca-me os meios de proteção. Procuo guarnecer minha alma acidentada para que ela combata os fracassos do amor.



AS SOMBRAS

Protegido das sombras possuí a luz e a água daquela ilha, misturei poemas e convocações, empreguei todas as formas para tomar conhecimento das tuas fraquezas, apressei a substituição, apliquei na minha prontidão a melhor das declarações, recolhi todos os afetos que dispunha, fiz com pressa e não cheguei a tempo. Dali resultou meu amor-ferido. Arquivo a tentativa e a intenção.

SEM CONCERTO

Deixo-me enganar pela imaginação sem concerto para não interromper o sonho do qual me alimento.



PRAZOS VENCIDOS

Vencidos os prazos são válidos todos os recursos, sem outra alternativa espero as esperas coberto de paciência. Encurtado o “mais tarde”, resta pouco tempo para manter a calma enquanto a célula vibra avançando em uma velocidade descompassada que me ultrapassa. Depois de horas de espera, em um segundo tudo se acalma, a pulsação acelera esses longos momentos de descanso. O tempo me segue de perto, a um só tempo, provoca o longo e o curto prazo desatinando o compasso que insiste em provar que as divisões são mais frequentes, e as somas mais escassas.

COM OU SEM FÔLEGO

Com ou sem fôlego, até não poder mais, um dia não vou estar mais aqui. Não haverá mais frente, cuidados, nada será mais meu. Ali estarei diante do finalmente, ninguém mais, fundido com a terra, pó, como uma resposta, refazendo o pleno, sem agonias voltar a estar mais perto de retornar à própria origem.



POR MUITO MOTIVOS

Antes de tudo guardei, por muitos motivos, a vontade de seguir viajando em direção ao aluguel da bicicleta, confiscar o passado mediante o uso da armadilha. Cruzo o relógio em direção a um encanto fiel e obediente. Desconheço o caminho do futuro, transformei as despedidas, as fiz encontros, abraços de chegada, quando ainda não inventava amores, havia tantos que sobravam, existiam espontâneos como o pão de cada dia. Ficam todas minhas marcas, rastros, poemas, ensaios, canções, cheiros, retratos, guardando o volumoso gozo dos delírios adolescentes que perfumam a vida inteira com esse aroma que ainda respiro.

FRENTE AO TEMPO

Diante do tempo todas as tréguas são parciais, pouco úteis e não praticáveis as magias e os apelos. As chegadas perdem para as partidas e computadas as despedidas ultrapassam a quota e a tolerância. Resta ordenar as ideias e desrespeitar a desapareição dos mais queridos. Não é de o agrado a fila andar, chegar mais próximo da vez. Se não fosse tão incomodo perder o viço devorado pelo uso, me universalizaria na condição e no desejo de declinar.



O QUE ME RESTA

Por que acabo enlouquecido? Despejo ilusões, forcejo no momento em que perco o recato vertido por aí sem saber que um dia algum fantasma possa morder-me os pés. Aspiro uma dança pura, sonho com amores que fracassam, beijo e conforto a vibração perdida. Desconfortável invento justificativas fingindo-me

angelical quando sou produto de loucos devaneios.
Tristes em mim, esses destinos viajam surdos, errantes,
não distingo quem me ama, tantos são os que se
animam com dedicações oportunistas que emudecem
o meu coração. Pior o que resta.



PELA PERMANÊNCIA

Reconheço as fracas partidas, onde subitamente
uma ancora grita insistentemente pela permanência.
Proibido de mentir fico no lugar que me permitem,
coincidentemente, o mesmo que escolho para ser
mantido, o único recurso onde ensaio sobre idas e
vindas e a natureza das chegadas e saídas.

CAÇADOR DO PASSADO I

O resgate desse que fui torna-me caçador da minha realidade adormecida no passado. Garimpando, encontro aqui e ali um esquecimento feito pó deixado em cada lugar por onde vivi intensamente. A voz que cantava conduzia meus sonhos, fazendo da ternura um produto de contágio proposital. Cada sorriso uma propriedade privada ternamente deixada em algum canto. Temia que alguma traição me violasse a sede de viver.



CHEGA FUNDO

Essa força motriz que é o amor, capaz de conduzir a humanidade apesar de todos descaminhos e distorções propositamente feitas para diluir sua essência como criador e mantenedor da existência. Esse amor que leva uma carga tão pesada, ilumina tumbas e protege berços. Nunca preguiçoso, disposto a colocar o único

adorno onde há escuridão. Driblando as blasfêmias, as maledicências, inventa as lembranças para que a memória não se apague. Pouco enaltecido, ironizado, desprezado e culpabilizado pelos fracassos mesmo quando sua participação seja mínima como ocorre nas violências. Este amor promotor dos sentimentos amorosos conta que há uma história que chega fundo e toca.



DESVIVER

Para demonstrar que vale a pena, estreito meu vínculo, confirmo a consideração, o valor do meu empenho, da minha sede compartilhada, da motivação celebrada com o propósito de anunciar que há que desviver as pendências, deixar o passado no seu devido lugar, única saída para cumprir-se um destino próprio sem submissões cruéis a reiterar uma escravidão consentida.

NÃO ME VENHAM COM DISCURSOS

Não me venham com discursos, temos que devolver os tons, as vozes deverão dizer aquilo que as palavras significam, no poderão estar na boca de locutores que narram a vida sem a inflexão que humaniza as sílabas contando-as como sentimentos que a voz convoca para fazer contatos. Assim as palavras irão ser escutadas transportando imagens sonoras, visuais, motoras, combinações penetrando em nosso mundo traduzindo-o, contando-nos a realidade, surgindo desde dentro como um inspirado suspiro.



ADEUS ÉTICA

Desmorona a ética pela falta de meios de sustentar-se. Uma cultura que assume a demência como indicador de inovação e o nada como fonte de inspiração obrigam a recorrer à compra e à venda do patrimônio espiritual. Ao primeiro indício de que a vigília é inútil, toda vez que a palavra se afasta do compromisso de carregar as verdades e se aproxima da clientela disposta a consumir delinquências, lhes encontra despreocupados como se não tivessem nada a perder.

CONVERSÃO

Converti-me em um homem hermeticamente fechado numa atitude de minha própria consciência. Volta e meia convoco a solidão que me dá a paz necessária ao costume de pensar que sou o que penso, o que necessito. Acostumo-me deste modo às sombras acolhedoras, ao sorriso amigo, a sensação de estar cumprindo com o que me cabe. Leio, escrevo e converso com todos, vivos e mortos, acendo luzes e memórias, me esforço para encontrar um talento que se esconde toda vez que entre a procurar como antigo feitiço.



NÃO VOLTAREI

Não voltarei a falar de mim. Falarei deles, da mulher que falava de uma infinita espera, de um homem caminhando apoiado nos joelhos, de dois corpos deitados boca-a-baixo e um boca para cima estorvando o caminho e avisando que ali não se podia passar.

Ainda que tivesse alguns sinais, dependiam que eu pudesse interpretá-los, não falavam entre si apenas alguns sinais brotavam ao exterior de seus próprios corpos, pareciam emudecidos por algo alheio a eles. Seriam eles os portadores do silêncio que dos inocentes assassinados na Palestina ocupada?



PRINCÍPIO

No princípio era o verbo, agora são analfabetos eufóricos.

BUSCO UM CONCILIADOR

Busco um conciliador de homens. Que leia perpétuos conflitos, que elimine o dinheiro e outros rituais inúteis, que avise dos perigos, que autorize a paz e alimento o sol, a luz e nos deixe viver.



SEGREDO ALHEIO

Sendo guardião de tanto segredo alheio, ao invés de retrair-me, dizia da suprema dor, ainda que passageira, por haver perdido os sentidos. Meus olhos misturavam olhares e lágrimas em evidente demonstração do meu penar. A perda nivela todas as diferenças, não bastando dando-lhe menor importância.

CHAMAMENTO

Invoco a tolerância e a inocência para aceitar os velhos sonhos, ultrapassar os golpes, fazer coisas evitadas, todas as declarações, chorar sem motivo aparente, ver sem pedir, sem gemer, até rir-me da própria vida, chorar fundo pela infância perdida, levá-la a passear antes e depois de estar triste, apoiar-me na esperança, editar a ternura, sair do escuro. Deixar chover avós, mães, tias, transformando as ruas esquecidas em caminhos recuperados, ainda que fugazes.



SEJA DITA

Verdade seja dita despejaram cimento nas virtudes quando a consciência ainda estava verde. Os desastres não tardaram devorando as intimidades descuidadas. No manejo das velas e das âncoras ninguém está imune às ambições e às imprudências.

SER ATÁVICO

Sustento uma desconfiança ancestral, um ser atado, atávico, ator no terreno do tempo, da cena impondo-se ao meu ato.

Anuncia-se finalmente, aceitam-se as queixas justas. Imensa quantidade de afetos guardados fazem um cortejo junto à minha tristeza que forma a arte e a fronteira inconvenientes a minha tão desejada paz.



TESTEMUNHA

Quem haverá de tornar-se testemunha desta admiração? Sou receptor do cuidado que saindo fresco transita, introduzindo uma inusitada delicadeza pela minha pele afora, atrás do caminho que cruza a montanha, o rio, esse cuidado se encaminha apressadamente ao longo do meu colo, escandaliza a alma, verdadeiro cuidado aonde a natureza conduz encantos num caminho sem volta.

AMOR À VIDA

Somos a única espécie com a capacidade de que a consciência reja seu destino. O amanhecer da consciência se produz logo depois da longa noite evolutiva da inconsciência. A consciência só desperta a luz do valor, bússola do sentido. Quando ela está madura, é quase impossível não amar a vida. O amor à vida conduz a honrá-la, a cuidá-la, a respeitá-la, a comprometer-se com ela, a reverenciá-la, a aprofundar seus mistérios e desvelar seus princípios reitores.



Roberto Curi Hallal

